

Fonte:

J. Dia

Data:

19/10/90 322

Padre jesuíta denuncia a Funai por 'negociata'

O padre Antônio Iasi Júnior, 70 anos, missionário jesuíta de renome nacional, comentou recentemente sobre a problemática dos índios Karajá na ilha do Bañanal e denunciou que a Funai "se transformou ao longo dos anos em Fundação Nacional do Investidor". Justificando sua posição, o padre disse que o órgão "vem facilitando a invasão nas terras dos índios". E definiu que a última enfermidade da Funai é a "funaid" (Síndrome de Fundamental Deficiência

em Assuntos Indígenas). Para o jesuíta, o órgão "está desmantelado e a política indigenista oficial amassando e desintegrando os povos indígenas brasileiros". O padre está em São Félix do Araguaia a convite da prelazia, onde desenvolverá um trabalho de peso junto aos povos indígenas da região. Sua imagem do governo Collor de Mello é a de um esfinge. "O que ele fez até agora foi ostentação, colocou uniforme de campanha".

(Pág. 10)

Missionário indigenista diz que Funai está desmantelada

Por VILELA MONTANHA, enviado especial a São Félix do Araguaia

"Moro embaixo do meu chapéu, moro onde estou atuando". Com essas palavras o padre Antônio Iasi Júnior, 70 anos, missionário jesuíta de renome nacional, falou de seu compromisso com o trabalho que ele desenvolve junto aos povos indígenas do Brasil. Entrevistado em São Félix do Araguaia, onde está há um mês, ele falou da problemática dos índios Karajá na Ilha do Bananal e disse que a Funai se transformou ao longo dos anos em "Fundação Nacional do Investidor", por facilitar a invasão das terras dos índios. Comentando, também, que a última enfermidade do órgão é a "funaid", que significa "Síndrome de Fundamental Deficiência em Assuntos Indígenas". Para o padre Iasi a Funai está desmantelada e a política indigenista do governo federal está amassando e desintegrando os povos indígenas brasileiros. Por fim o missionário jesuíta afirmou que a imagem que ele tem do governo Collor de Mello é de uma esfinge, uma coisa que ninguém conseguiu decifrar ainda. "O que ele fez até agora foi ostentação, pôs uniforme de campanha, mandou dinamitar algumas pistas em Rorai-

ma, mas tudo isso me parece que não passa de fogo de artifício, um sistema de propaganda do governo", disparou padre Iasi, que é um dos fundadores do CIMI - Conselho Indigenista Missionário, e tem 28 anos de convivência com a nação indígena. Ele está em São Félix do

Araguaia a convite da prelazia, onde desenvolverá um trabalho de peso junto aos povos indígenas da região.

Quanto ao curso de reciclagem dos servidores da Funai, administrado recentemente em São Félix pela 6ª Superintendência Regional, com sede em Goiânia, GO, o qual o padre Iasi participou ativamente, ele disse que foi uma boa ocasião para reflexão sobre os problemas que vivem os povos indígenas encontrados no Brasil pelos colonizadores do século XVI. No que se refere a saúde o atendimento é pouco saudável, porque não leva em conta a sabedoria indígena no setor, onde o tratamento das enfermidades são feitas com o uso de plantas que estão próximas aos índios.

Para Iasi, atender o índio sem levar em conta sua cultura é fomentar a sua desintegração, pois a verdadeira integração tem que come-

çar pela sua reintegração no próprio mundo. "No Brasil não temos índios integrados, temos índios deslocados e duplamente marginalizados, não são nem índios nem brancos", denunciou.

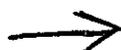
No que se refere a educação ele disse que a escola oficial é profundamente domesticadora, impositiva de uma ideologia dominante e desrespeita a visão própria de cada povo e de sua identidade como tal. Iasi enfatizou que não é pela destruição do mundo cultural dos povos indígenas que eles serão integrados na sociedade nacional. Ao

contrário, fortalecendo sua cultura, vacinando o índio contra os males da nossa cultura é que eles poderão sobreviver com as nossas enfermidades culturais, piores que as doenças bio-físicas que a sociedade moderna lhe transmite.

A POLÍTICA DA DESINTEGRAÇÃO

Padre Iasi comentou que essa política de integração tão propalada hoje pelos neocolonizadores foi mal enfocada desde a criação do SPI - Serviço de Proteção ao Índio. O General Rondon, seu primeiro diretor, que sofria de miopia positivista,

cont
-A



não viu bem o problema e procurou a solução pela via da integração, mais ainda pela miscigenação, incentivando o casamento entre brancos, mulatos e índios.

Segundo ele, a miscigenação não consumou integração nenhuma, ao contrário facilitou a prostituição das índias que hoje ocorre nas cidades e povoados próximos as aldeias, nas margens das estradas, cortadas com a colaboração da Funai, e até a prostituição dentro das reservas indígenas pelos próprios funcionários da Funai. Como outrora o SPI se transformou em "Serviço de Prostituição das Índias" a Funai hoje não anda longe disso, criticou padre Iasi.

Na política indigenista oficial prevalece o objetivo de integração dos povos indígenas a sociedade nacional. Para ele essa integração soa como ironia, como cinismo, um des-

carado desrespeito aos trabalhadores brasileiros que vivem marginalizados na sociedade, sem direito a saúde, a educação, a terra para plantar, e até mesmo para sepultar seus mortos. Desrespeito aos favelados, e aqueles pobres coitados que vegetam sob pontes e viadutos das grandes cidades. Acaso esses cidadãos estão integrados na sociedade nacional?, perguntou padre Iasi.

Então, como integrar o índio a essa sociedade, saltando por cima desse amplo segmento de marginalizados? Isso é utopia, o índio no mínimo passaria a conviver nesse segmento de famintos com um dupla marginalização - nem índio nem cidadão com plenos direitos. Integração, disse Iasi, é encontrar uma maneira desses povos primitivos, com cultura e visão de mundo diferente, se aproximar da sociedade nacional e viverem com igualdade de direitos, o que está muito longe de acontecer com milhões de brasileiros.

A escola seria um instrumento de integração, mas ao contrário, a escola oficial instalada nas aldeias, longe de levar ao índio uma verdadeira integração ao seu mundo cultural, ela é profundamente desintegrante da cultura e da sociedade indígena. Ela privatiza o saber e leva a individualidade, o que torna fonte de tensões e conflitos. Os verdadeiros sábios não são mais os idosos, mas os jovens, funcionários do órgão que passam a receberem ordenados e adquirem status. "É índio com cabeça e roupa de branco", analisou Iasi, e complementou: Isso é integração?

FUNAI VIROU 'FUNAIDS'

Na opinião do missionário Iasi Júnior a Funai está desmantelada. Ao longo dos anos ela vem facilitando a invasão das terras indígenas, expedindo certidões negativas para fazendeiros, retardando o processo de demarcação das reservas, também com a intenção maquiavélica de dar tempo e rédea para os posseiros ocuparem as áreas sabidamente terra dos índios. Dela foram afastados inúmeros sertanistas capacitados, inúmeros antropólogos dedicados a causa indígena, passando então por uma fase de desqualificação vergonhosa em assunto indígena. E excesso de burocrata.

Amansando índio, ou amassando, a Funai facilitou também a abertura de dezenas de estradas, e construção de hidrelétricas, e atualmente invasão de garimpeiros aos milhares, e por todo esse desenfoque do problema a Funai passou a significar "Fundação Nacional do Investidor". E hoje ela se tornou incapaz de administrar o caos criado nas áreas indígenas. "Eu até já disse que a última enfermidade que atacou a Funai é a "funaidis", que significa "Síndrome de Fundamental Deficiência em Assuntos Indígenas", satirizou o missionário jesuíta.

ÍNDIO NÃO É PREGUIÇOSO

Falando sobre cultura e valores dos povos indígenas, padre Iasi esclareceu que um dos muitos estereótipos, ou idéias pré-fabricadas contra o índio, por ser ele diferente, é tachá-lo de preguiçoso. E ele quis-tiona: Acaso um povo que sobreviveu por tantos anos, milhares de anos no seu mundo, que não é fácil, que não é tão idílico como parece, onde a comida não chega na boca da pessoa, onde o índio tem que caçar, pescar, plantar, e ele conseguiu sobreviver com saúde, não é prova suficiente de que ele trabalhou?

Eu colocaria uma dessas pessoas que classifica o índio de ocioso, de vagabundo, no mesmo ambiente rústico da mata para ver quanto

tempo essa pessoa conseguiria sobreviver sem trabalhar. Não vive uma semana, talvez, observou. Segundo alguns sertanistas os próprios funcionários da Funai, mercenários da instituição pública, são os responsáveis por esses patéticos e distorcidos rótulos sobre os silvícolas.

Iasi Júnior lembrou que há poucos dias foi criado uma comissão interministerial para estudar a situação da Funai e seu desgoverno e ele espera que desse grupo de trabalho surja uma secretaria, um órgão, alguma coisa que possa ser mais eficiente no atendimento aos povos indígenas. "Como está não pode ficar", finalizou padre Antônio Iasi Júnior.

CIMI - MT

Fonte: Jornal da Manhã

Data: 19/10/90

322